

Leituras de jornal: a crônica jornalística e a história cotidiana

Regma Maria dos Santos*

Resumo:

Neste texto pretendemos abordar a presença do leitor na crônica de Lycidio Paes, enfatizando as diversas interpretações descritas pelo cronista ao citar o leitor que assume diferentes atitudes. A partir dessas características podemos perceber como o jornal propicia a formação intelectual do leitor, seja por meio de um discurso politicamente doutrinário, seja por meio da apresentação de novos hábitos e práticas sociais. E, por outro lado, como o leitor - que não é um sujeito passivo - rearticula e reelabora as informações que recebe.

Abstract

In this writing, we intend to approach the presence of the reader in Lycidio Paes' chronicle so that to emphasise the diverse interpretations described by the chronicler in citing the reader that takes different attitudes. Through these features we can realise both how newspapers provide the reader with intellectual education, whether through a discourse politically doctrinaire or an introduction of new habits e social practices, and how the reader - who is not a passive subject - rearticulates and re-elaborates information he receives.

Uma das recentes preocupações da produção histórica está relacionada à questão da narrativa e da escrita da história, o que se vincula diretamente à produção de textos variados, sua impressão e as leituras que deles se fazem.

O historiador Robert Darnton considera que a leitura tem uma história tão complexa quanto a história do pensamento e questiona como entender esse leitor mutável, que interpreta textos variados, observando: "se conseguíssemos compreender como ele lia, poderíamos compreender melhor como ele entendia a vida, e, por essa via - a via histórica, quem sabe chegaríamos a satisfazer uma parte de nosso anseio por um sentido." (1990: 172)

Podemos observar essa preocupação na obra do historiador italiano Carlo Guinzburg. Em seu célebre livro *O queijo e os vermes* (1987), Guinzburg aborda a leitura e o seu entrecruzamento com a oralidade na formação cultu-

*Professora de História da UFG-Campus de Catalão, Mestre em História pela PUC-SP e Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, Coordenadora do NIESC.
E-mail: regma@catalao.ufg.br

ral e no pensamento de um moleiro da Idade Média julgado pela inquisição. A natureza do texto escrito era modificada pela predominante cultura oral daquele período, o que, certamente, interferia não só na fruição do texto, como também na sua recriação.

Construindo uma análise sobre o perfil do leitor de jornal do início do século no Brasil o historiador Marcos A Silva, em seu livro *Caricata República*, utiliza-se de uma publicação da revista *Fon-Fon*, de 1907, que traz uma ilustração sobre os leitores de jornais, denominando-os: atento, alegre, nervoso, impressionável, indiferente até o leitor analfabeto, que só ouve. Silva tece, a esse respeito, a seguinte reflexão:

essa possibilidade de múltiplas leituras, de acordo com com a personalidade e padrão social diferenciados, esboçam também um quadro de serventias para a imprensa periódica, que ia da opinião editorial à informação diversificada (crimes, negócios, empregos), chegando à imagem como instrumento de entendimento para analfabetos. (Silva, 1990:68).

Diante das várias possibilidades de abordagem pretendemos analisar a presença do leitor nas crônicas de Lycido Paes, jornalista mineiro, que escreveu durante quase 70 anos para diversos jornais do Brasil Central, procurando compreender a capacidade mutante do leitor de interpretar, discutir, propor e imprimir visões diferentes daquelas impressas pelo escritor.

O jornal é um suporte com características próprias, já que é feito com o objetivo de durar apenas uma dia. No entanto, a crônica pode vir a durar além desse tempo radical, seja por sua organização em livro, seja pela preservação em arquivos dos jornais em que foram publicadas. De certa forma, o que nos interessa é o fato de que a crônica aproxima o autor do leitor de forma bastante envolvente.

Alberto Manguel aborda a convergência entre dois tipos de leitura, quando lê o jornal matutino:

De um lado, há o avanço lento pelas notícias, que continuam às vezes numa página distante, relacionadas com outros itens escondidos em seções diferentes, escritas em estilos variados, do aparentemente objetivo ao abertamente irônico; por outro lado, a apreensão quase involuntária dos anúncios num relance, cada história contada dentro de molduras precisas limitadas, por meio de personagens e símbolos familiares... (Manguel, 1997:126)

Além do aspecto fragmentado e modular da leitura do jornal, a repercussão do que é escrito é imediata, o que obriga o cronista a trazer para dentro da própria crônica o seu diálogo com o leitor. Bakhtin chama atenção

para o aspecto dialógico do texto, e o caráter interindividual da palavra (em geral, o signo), já que tudo o que é dito ou expresso não pertence com exclusividade ao locutor: "O autor (o locutor) tem seus direitos imprescindíveis sobre a palavra, mas também o ouvinte tem seus direitos, e todos aqueles cujas vozes soam na palavra têm seus direitos (não existe palavra que não seja de alguém)." (Bakhtin, 1997:350)

Essa preocupação com a palavra leva os historiadores a enfocarem a importância de fazer a história da leitura, apontando para as peculiaridades e complexidades envolvidas neste processo, que vai do oral ao escrito, da leitura em voz alta à leitura silenciosa, e que envolve, além de tudo, a própria prática de impressão dos textos.

Ao fazer a história da leitura, o historiador também está refletindo sobre as formas de comunicação e o seu alcance variado. Robert Darnton (2000) recusa a idéia de que vivemos atualmente a *era da informação*. Segundo ele, todas as épocas desenvolveram, a seu modo, seus meios e formas de comunicação. Para tanto, realiza estudos sobre a França no século XVII e mostra a importância das fofocas e das canções na constituição de uma rede de informações que circulava não só em Paris, mas por toda a França.

Ainda conforme Darnton a peculiaridade desta circulação dá-se na concepção mista dos meios de comunicação que vão da oralidade ao texto escrito (manuscrito) e deste à impressão. Nesse sentido, a informação transformava-se, não só em relação aos suportes em que vai se estruturando (voz/escrita/impressão), mas também em relação à leitura daqueles que ouvem ou lêem tais informações.

O historiador Roger Chartier propõe uma simples questão de como um texto, que é o mesmo para todos os que lêem, pode transformar-se em instrumento de discórdia e briga entre seus leitores, criando divergências e levando cada um a ter uma opinião diferente sobre o que leu. Para Chartier, "ler é uma prática criativa que inventa significados e conteúdos singulares não redutíveis às interações dos autores dos textos ou dos produtos dos livros." (1995: 214)

Chartier observa ainda que o leitor encontra-se inscrito no texto, mas o texto inscreve-se de múltiplas formas em seus diversos leitores. Essa autonomia do leitor leva-nos a contemplar uma pluralidade de leituras feitas a partir dos jornais e, mais especificamente, das crônicas de Lycídio Paes.

Diante dessas considerações acreditamos ser pertinente problematizar a noção tão comumente difundida de que, por seu aspecto doutrinário e ideológico, o jornal impõe uma única visão de mundo. Nesse sentido, apresentaremos algumas das referências de Lycídio Paes aos seus leitores e sua complexa relação com os destinatários de suas mensagens, que vai além dos comentários sobre as opiniões do cronista, mas também sobre a forma de seus textos.

O cronista traça um diálogo constante com seus leitores, demonstrando a pluralidade de suas atitudes ao escrever cartas ou verbalizar pessoalmente suas impressões sobre determinados textos:

Quem escreve para jornais sempre recebe, ou por intermédio de cartas, ou verbalmente, manifestações sobre os conceitos que expende. São aplausos às vezes, às vezes são restrições, e também costumam resvalar para contumélias. De qualquer forma, até nesta última hipótese, tais mensagens satisfazem, porque quem escreve deseja ser lido e essa é uma maneira de aferir o grau de receptividade que possam ter as nossas opiniões ou os nossos comentários. (Artiguinhos, Correio de Uberlândia, 11/12/1969, p.7)

O cronista comenta que recebe correspondências com essas três modalidades. E uma das reservas mais freqüentes aos seus textos é que são muito extensos. O cronista discorda dessas críticas e cita as belas crônicas de Rachel de Queiroz, que ocupam uma página inteira da revista "Cruzeiro". Austregésilo de Athayde e Pedro Calmon também escrevem longas crônicas. Mas, preocupado com o julgamento dos leitores, sentencia:

Não julguem os leitores que eu tenha a veleidade de me igualar a esses intelectuais: a presunção não é o meu forte. Apenas sabendo que eles não escrevem artiguinhos, como diletantes pouco habituados à leitura reclamam, porque possuem fôlego para compor artigos, procuro imitá-los, senão pela qualidade, pelo menos na quantidade, podendo, quando mais não seja, arrogar-me o fôlego para enunciar parvoíces. (Ibid.)

Nesta crônica, podemos perceber que o cronista chama os leitores de diletantes, por criticarem seus textos pela extensão e não pelo conteúdo, e, obviamente, defende-se.

Em outra crônica, são citadas as reclamações de uma leitora por estar desviando-se de temáticas mais pertinentes. A personagem, D^a. Hermengarda, sentencia:

- *Basta! O senhor hoje está excessivo. O que importa é que sejam pelo menos de vez em quando distraídas algumas edições de suas crônicas para o comento e ocorrências menos áridas do que revolução e comunismo, do que subversivos e corruptos. Se quer continuar a ter leitores, renove seus temas, aprecie a vida mundana no que ela tem de empolgante, aborde eventos da literatura e das artes, estude as tendências, as incoerências e as paixões dos homens. (Assunto de Crônica, Correio de Uberlândia, 12-13/01/1965)*

O cronista argumenta que todo o espaço da folha deve estar,

nesse momento crítico em que se instaurou o regime militar no país, a serviço da pátria. Mesmo que não seja de sua preferência e agrado, o cronista tem que discorrer sobre teses que nem sequer são do seu perfeito conhecimento.

Nesse ponto, o elemento de aparente contradição no pensamento lycydiano manifesta-se, quando, defensor do jornalismo doutrinário, se dedica justamente à crônica, na qual, segundo sua opinião, a doutrinação estaria ausente. Em suas próprias palavras: “crônica na acepção vulgar com que se menciona o gênero jornalístico, é o comentário sobre os fatos do dia. Diferencia-se do artigo pela leveza do estilo, pela ausência de doutrinação, de polêmica, de sisudez.” (*Memória. Correio de Uberlândia, 28-29/06/1964, p.5*)

Mas, para além da política, a crônica trata os temas comuns do cotidiano que se revelam, também, tão poéticos como políticos.

Em uma crônica, em que tece comentários elogiosos, Lycidio Paes solicita ao leitor: “Não julguem que esta enumeração seja propaganda paga.” (*O relógio e a castelã. Correio de Uberlândia, 21/10/1951, p.2*)

O cronista preocupa-se com o julgamento que o leitor possa vir a fazer não somente sobre a sua índole, mas também sobre os valores que professa. Lycidio Paes é um crítico constante dos anúncios e das propagandas, que cada vez mais ocupam os espaços do jornal.

Como aborda Chartier, “jornais de grande circulação, tablóides, anúncios, horóscopos e canções sempre são objeto de um atenção oblíqua ou dispersiva, quem os lê ou compreende com prazer e desconfiança, ao mesmo tempo fascinada e distante.” (Chartier, 1995: 235)

Outro aspecto bastante apropriado para discutir a impressão do texto nos jornais são os erros tipográficos, que acabam por exigir que o leitor também suspeite e até seja menos rigoroso com esse tipo de leitura, às vezes, complementando-a. Lycidio Paes comenta esse aspecto:

O que nos socorre é que os leitores de jornais já se habituaram com essas anomalias e suprem facilmente as lacunas tipográficas, hoje incomparavelmente mais numerosas do que no tempo em que o alfabeto saltava dentro dos caixotins, mesmo nos grandes órgãos do Rio de Janeiro e São Paulo, onde a aparelhagem é aperfeiçoada e o elemento humano é especializado nas diversas tarefas em que se divide a confecção da folha..(Pastéis tipográficos, Correio de Uberlândia, 18/12/1955)¹

O cronista afirma consolar-se com esses erros com o Prof. Eurico Silva, que escreveu a palavra ‘germanófilo’ e teve a decepção de ler “Germano

Filó”, afirmando: “pretenderam ensinar-lhe que nome próprio se escreve com letra maiúscula e que faltava um acento agudo na vogal da última sílaba daquele apelido.”(Ibid)

O cronista aparenta não estar preocupado com o leitor, resvalando-se, às vezes, para a indisposição em esclarecer certos assuntos, principalmente quando o tema é economia: “Ora , esses dados genéricos induzem a um estudo aprofundado de cada um deles a fim de que o leitor fique suficientemente esclarecido sobre o panorama financeiro. Mas justamente esse estudo é que não me sinto disposto a empreender.”(*Sem assunto, Correio de Uberlândia, 16/05/1969, p.5*)

Em outros momentos, o cronista apela para as afinidades entre ele e o leitor: “Mas será assim mesmo? O leitor e eu que somos ou presumimos ser literalmente rotundamente equilibrados, podemos jurar que a proposição articulada por um cérebro que supomos vesânico é efetivamente um produto condenável no mundo das idéias.”(*A certeza do caos. Jornal O Repórter, 26/02/1947, p.2*)

Esse é um dos raros momentos em que o cronista, escritor por excelência na primeira pessoa do singular, utiliza-se do ‘nós’. O leitor é convocado a confirmar as idéias do cronista, a concordar com ele sobre o fato de serem equilibrados.

Algumas outras vezes, o cronista pensa estar agradando, mas, na realidade o leitor o trata com desdém: “ quando antevejo que o artigo se desdobra num estilo mais elegante e consciente, o leitor atira o jornal para um lado com fisionomia desdenhosa.” (*Profecia Gourada, Correio de Uberlândia, 03/02/1953, p.2*)

Em outros momentos, contudo, a atitude do leitor é de condescendência e aplausos: “já sei que esta confissão é saudada pelos leitores com uma salva de palmas, senão explícita e sonora, ao menos intencional”.(Ibid.)

Quando não encontra com facilidade temas para desenvolver, o cronista insinua poder valer-se de recursos de retórica barata, alinhavando com frases ocas, que encerrem um gongorismo que nem ele mesmo conseguia entender. E critica esse fenômeno não raro na literatura, nem mesmo na literatura jornalística.

O escritor é empolado, redige com palavras difíceis, com construção arrevezada, com verbos de significação oblíqua. O

¹ As modificações efetuadas nos textos nem sempre têm como causa os erros tipográficos. Chartier, com relação à publicação dos livros populares da Bliibliothèque Bleue na França, entre 1700 e 1800, comenta que os impressores podiam realizar certos tipos de interferência como encurtar textos e capítulos, simplificar a linguagem, fragmentar capítulos, criando títulos e subtítulos, censurar frases ou alusões a descrições licenciosas, e expressões escatológicas ou indecentes. (1995:224)

leitor encanta-se com a linguagem peregrina e acha aquilo uma verdadeira maravilha – chama a nossa atenção para um trecho onde encontra vocábulos mais sonoros e mais bombásticos. Satisfazemo-lo lendo a rendilhada página. Mas deparamos com uns adjetivos ligados a substantivos com os quais não se ajustam, esbarramos com umas expressões equivocadas e dubitativas, tropeçamos nuns advérbios desconhecidos, e finalmente confessamos a mesma incapacidade para interpretar aqueles primores. (Falta de Assunto, s/d)

Na referência acima, o cronista atesta que o leitor é ludibriado com o exercício de retórica, gongorismo e rendilhados, que nada trazem de informação em seu conteúdo. O que esclarece, não é a sua prática.

Na maioria das vezes, o cronista refere-se ao leitor de forma impessoal, mas, em algumas crônicas, utiliza-se do feminino para designar atitudes específicas:

É possível que haja alguma leitora assustada sentindo calafrios com o período anterior. Falar em comer carne de gente! Que heresia! Que sujeito satânico o autor desta crônica! Entretanto não é assim. Nem eu como carne de meus semelhantes, nem aconselho ninguém que o faça. (Natal dos Pobres. Revista Elite Magazine, n.2, Dez. 57/Jan. 58, p.16 e 55).

Esta crônica, escrita no Natal, nos seus primeiros parágrafos, elogia a atitude das damas da sociedade que preparam a ceia para os pobres. No entanto, no seu decorrer, Lycídio Paes critica, de forma contundente, a prática assistencialista como forma de aliviar a consciência daqueles que exploram, durante todo o ano, os menos favorecidos.

O cronista provoca o estranhamento em seu leitor, já que o tom lírico do início da crônica transforma-se em uma sugestão antropofágica em seu final, em que os capitalistas seriam devorados por aqueles que agora exploram. Podemos imaginar o riso elogioso das leitoras no início da crônica, transformando-se em susto e conseqüente descontentamento.

Por mais que não esteja preocupado em agradar o leitor o tempo todo, e tratá-lo sem reservas, ou falsos pudores, Lycídio Paes também critica suas próprias formulações, quando lhe parecem insípidas ou banais: “O melhor mesmo é, com assunto ou sem assunto, encerrar a crônica, que está com sua insipidez abusando da condescendência das leitoras.” (Sem assuntos. Correio de Uberlândia, 16/05/1969, p.5)

Lycídio Paes destaca o prestígio da imprensa como orientadora da opinião pública. Em momentos específicos, como a campanha da indepen-

dência, da abolição, da república e de outros movimentos de segunda ordem, a influência da imprensa manifesta-se, segundo o cronista, sob dois aspectos: o doutrinário e o informativo.

No entanto, lamenta o cronista que o jornal venha se tornando mais informativo que doutrinário, porque, segundo sua opinião, o jornal é útil à coletividade não somente quando a agrada, mas: “é aquele que enfrentando a impopularidade conserva os seus pontos de vista até alcançar a vitória ou ser esmagado na derrota.” Complementa o cronista que ser útil não significa ser agradável:

Da mesma forma a imprensa que lisonjeia a opinião pública, aplaudindo ou adulando as suas paixões, soprando a chama dos seus efêmeros exaltamentos, despejando combustível da irreflexão no motor da inconsciência anônima, será um cúmplice dos efeitos que desnorteiam a sociedade. (Influência da imprensa na vida coletiva. Jornal O Repórter, 25/06/1941, p.50).

Esta citação deixa bastante claro o aspecto político de sua atuação profissional. O cronista não procura a popularidade, o elogio fácil, mas construir verbalmente um projeto de sociedade. Isto, sem dúvida, explica as críticas contundentes que faz aos anúncios e à transformação dos jornais em empresas lucrativas.

Lycídio Paes apresenta-nos, portanto, diversos leitores: o julgador, o autônomo, o equilibrado, o desdenhoso, o que aplaude, o esclarecido, o condescendente, o diletante, o ludibriado, o assustado.

Essas diversas atitudes colocam-nos diante da constatação de que o leitor não é um mero receptáculo das idéias do cronista, ele dialoga, interpõe-se, discorda, julga, comenta, critica. Esse embate cotidiano é uma das características mais interessantes da crônica, o que a torna um texto privilegiado, embora seja escrito com a finalidade de durar apenas um dia. Na realidade, é justamente esta interferência do leitor, por meio do diálogo, que torna a crônica aberta à continuidade, e, portanto, um raro documento para o historiador que se ocupa do cotidiano.

Referências Bibliográficas:

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina G.G. Pereira. 2ª. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leitura. In: Hunt, Lyn (org) *A nova história cultural*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- DARTON, Robert. *Edição e Sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII*. Trad. Myriam Campelo. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *O Beijo de Lamourette: Mídia, cultura e revolução*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. Rede de Intrigas. Caderno MAIS. *Folha de São Paulo*. SP. 30 de Julhode 2000, p.5-13.
- DARNTON, Robert e ROCHE, Daniel (orgs.). *Revolução Impresa: A imprensa na França. 1775-1800*. São Paulo: Edusp, 1996.
- GUINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. Trad. Maria Bethânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- MANGUEL, Albert. *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SILVA, Marcos A. *Caricata República: Zé Povo e o Brasil*. São Paulo: Marco Zero/CNPq, 1990